

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS DE MEDIANEIRA**

SUSANA ANGELITA LEAL DE OLIVEIRA

**INDISCIPLINA: PROBLEMAS E SOLUÇÕES
NA ÁREA DE CIÊNCIAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DA MONOGRAFIA - APRESENTADO AO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO
CIÊNCIAS.**

**IBAITI – PR
2013**

SUSANA ANGELITA LEAL DE OLIVEIRA

**INDISCIPLINA: PROBLEMAS E SOLUÇÕES
NA ÁREA DE CIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusões de
Curso-Monografia apresentado
ao Curso de Pós Graduação
em Especialização em Ensino
de Ciências.Orientador: Ms:
Cleverson Gonçalves dos
Santos

**IBAITI – PR
2013**



TERMO DE APROVAÇÃO

INDISCIPLINA: PROBLEMAS E SOLUÇÕES NA ÁREA DE CIÊNCIAS

Por

Susana Angelita Leal de Oliveira

Este trabalho de conclusão da monografia de Especialização em Ensino de Ciências foi apresentado (a) no dia 16 de março no ano 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de preencher de Especialista no curso de Especialização em Ensino de Ciências a Susana Angelita Leal de Oliveira foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profº. Me Cleverson Gonçalves dos Santos
Prof.(a) Orientador(a)

Profº. Dr. Fernando Periotto
Membro titular

Profª. Me. Daiane de Mello Schaefer
Membro titular

Dedico a Deus, a meus pais e a todos que de maneira especial influíram e estiveram presentes em todos os momentos de minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força e coragem nesta jornada.

Aos meus pais, por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis de minha vida.

A meu orientador pelo esforço e apoio dedicado na orientação deste trabalho.

A todos os professores do Curso de Pós Graduação que nos transmitiram conhecimentos inigualáveis.

Os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração.
(CURY, 2003)

RESUMO

Oliveira Susana Angelita Leal

INDISCIPLINA: PROBLEMAS E SOLUÇÕES NA ÁREA DE CIÊNCIAS

Nº de páginas: 57

**MONOGRAFIA ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ENSINO À DISTÂNCIA
Pós-graduação em Ensino à Distância (EAD) DA UNIVERSIDADE
TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS DE MEDIANEIRA, 2013.**

Este estudo propõe situações do âmbito escolar vinculando-os significativamente, ao processo pedagógico e à tarefa educativa para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem e a indisciplina constante generalizada ou situacional. A identificação dos aspectos relevantes para o processo da indisciplina e para algumas abordagens de elementos que levam ao processo de ensino e aprendizagem do adolescente. A escola, como instituição mediadora de conhecimento, onde leva aos alunos cultura e um conjunto de elementos como construir o “eu”, orientar e ensinar, assim tem o outro lado da família que impingem expectativas e valores nos adolescentes impondo-lhes tarefas que na maioria das vezes, encontra-se em desarmonia com suas capacidades, aptidões e visão de mundo. A baixa autoestima de muitos adolescentes foi um dos resultados significativos que pudemos observar em vários autores, e que teve como alvo principalmente a escola públicas e por vezes particulares, onde se concentra o maior número de situações-problemas. Verificou-se a dificuldade das instituições educacionais quanto ao preparo tanto para intervir como para discernir sobre as diferenças e a complexidade dos distúrbios emocionais, aspectos sociais e outros aspectos que influenciam a aprendizagem consequentemente a indisciplina escolar.

Palavras – chaves: Psicopedagogia. Dificuldades. Aprendizagem. Sociedade. Indisciplina.

ABSTRACT

RESUMO

Oliveira Susana Angelita Leal

**INDISCIPLINA: PROBLEMAS E SOLUÇÕES
NA ÁREA DE CIÊNCIAS**

Nº de páginas: 57

MONOGRAFIA ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ENSINO À DISTÂNCIA

Pós-graduação em Ensino à Distância (EAD) DA UNIVERSIDADE

TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

CÂMPUS DE MEDIANEIRA, 2013.

This study proposes situations of the school linking them significantly, to the educational process and the task of education for children and adolescents with learning difficulties and indiscipline constant generalized or situational. The identification of the aspects relevant to the process of indiscipline and some approaches of elements that lead to the teaching and learning of the teenager. The school as an institution mediating knowledge, which leads students to culture and a set of building elements such as the "I", guide and teach, so has the other side of the family that impinge expectations and values in adolescents by imposing tasks on most of the time, is in harmony with their abilities, skills and worldview. The low self-esteem of many teenagers was one of significant results that we have seen in several authors, and that targeted mainly public school and sometimes private, where the largest number of problem situations. There was the difficulty of educational institutions so as to prepare to intervene as to discern the differences and complexity of emotional disturbances, social and other aspects that influence learning consequently the school indiscipline.

Key - Words: Psychology. Difficulties. Learning. Society. Indiscipline.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	- 11 -
1.1	JUSTIFICATIVA	11 -
1.2	OBJETIVOS	12 -
1.3	LIMITAÇÕES	13 -
1.4	ESTRUTURAS	13 -
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	- 15 -
2.1	ADOLESCÊNCIA, FASE DE TRANSFORMAÇÃO FÍSICA E INTELLECTUAL	15 -
2.2	DISCIPLINA X AUTONOMIA	18 -
2.3	AUTONOMIA, UMA PROBLEMÁTICA ATUAL	21 -
3	METODOLOGIA	- 28 -
4	PESQUISA	- 30 -
4.1	ANÁLISE DE DADOS	30 -
5	CONTRIBUIÇÕES: UMA ALTERNATIVA PARA INDISCIPLINA	- 35 -
5.1	O PAPEL DA ESCOLA	35 -
5.2	ESTABELECEER UMA LINHA COMUM DE AÇÕES	36 -
5.3	CUNHO DINÂMICO AS REUNIÕES PEDAGÓGICAS	36 -
5.4	SUBSTITUIR METODOLOGIAS DE ENSINO PASSIVAS	37 -
5.5	ESTIMULAR AS RELAÇÕES DA FAMÍLIA COM A ESCOLA	38 -
5.6	CONSCIÊNCIA QUE DISCIPLINA DEVE SER CONSTRUÍDA	38 -
5.7	AMBIENTE DE TRABALHO VISANDO AO GRUPO CLASSE	39 -
6	CONCLUSÃO	- 40 -
7	BIBLIOGRAFIA	- 42 -

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar caracteriza uma problemática em evidência no cotidiano das escolas, é um elemento que tem força para modificar o currículo praticado pelos professores. Desta forma a partir da realidade encontrada na escola e de conversas, com relação a essa temática, buscou-se a concepção que direção, equipe pedagógica, professores e alunos têm sobre a indisciplina escolar.

Há muito que os distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano da escola para se tornarem um dos maiores obstáculos dos dias atuais. Os educadores, na sua maioria não sabem ao certo como interpretar ou administrar o ato indisciplinado de seus alunos.

Consciente de que a concepção de educação é reflexa da política neoliberal que pretende, com o seu auxílio, conformar seres humanos diante das injustiças sociais por meio, entre outras ações, da imposição de uma disciplina que colabora com o imobilismo histórico. Qual sob a ótica dos professores constata-se que a “concepção problematizadora” é o caminho mais adequado para a conquista de um futuro melhor para todos, pois ao contrário da “concepção bancária”, ela valoriza os interesses populares e suas manifestações.

Com tudo que se revela na relação cotidiana e afetiva professor/aluno é que se necessita de um equilíbrio, uma dosagem adequada de contribuições para levar a bom termo a prática pedagógica receptiva, sem culpa, com menos conflito e munida de melhores estratégias que certamente contribuirão para amenizar os acontecimentos embaraços hoje enraizados no cotidiano da instituição escolar.

1.1 Justificativa

A indisciplina escolar é uma questão delicada para professores, pais, sociedade e alunos que não conseguem agir de forma adequada, com as regras de vivência social. A intervenção com estratégias pode enfrentar a indisciplina e o fracasso escolar tomando como referencial o aluno, com

abordagens e procurando a origem de sua indisciplina ou problema sendo ele cognitivo, comportamental, social, ou com transtornos globais. A disciplina com regras melhora a convivência e a qualidade de vida de todos, portanto deve ser evitado todo o comportamento que possa prejudicar ferir ou magoar qualquer indivíduo. Porém somente a regra ou proibição não educa. Precisa ser completada com uma ação que seja adequada para todos ou, no mínimo, não prejudique ninguém e a si mesmo. Assim, os alunos não são somente tolhidos, mas educados. A indisciplina escolar faz com que as alternativas educacionais levem o aluno a aprender a desenvolver sua liberdade com a criatividade, responsabilidade, afetividade, com direitos e deveres. Fazem-se necessário trabalhar projetos, recursos diversos, para atrair e motivar, entre outras abordagens. Quando a indisciplina e a violência se instalam na escola/sala de aula isso é resultado de vários fatores, é fundamental buscar meios para estabelecer limites, só assim teremos alunos que se tornem adultos equilibrados, felizes dentro de uma sociedade.

1.2 Objetivos

Propostas que promovem a melhor qualificação e adequação das práticas futuras dos profissionais da educação, inseridos em cursos de formação continuada para que compreendam melhor o educando que apresenta distúrbios ou problemas de comportamento e de caráter? Envolvendo-os em processos construtivos, onde ocorra a elevação mútua da autoestima e do progresso escolar para que o professor atualizado possa entender o que é indisciplina e disciplina e assim atuar como bom profissional.

A identificação dos processos desmistificadores de concepções ou pré-concepções sobre os distúrbios ou problemas de comportamento ou de caráter.

A elaboração de programas de instrumentalização de profissionais da educação para a devida adequação de suas práticas onde possam lidar com várias experiências com alunos de diferentes níveis sociais e comportamentais.

1.3 Limitações

A educação é instrumento de ação reflexiva, portanto, é preciso falar da importância da disciplina na educação. A disciplina é instrumento que proporciona melhoria da condição social e humana.

A indisciplina escolar tem suas causas e sujeitos, ao analisar os diversos focos que existem podemos constatar que não somente o aluno está presente neste segmento, mas há resistência dos professores diante de propostas novas. A prática pedagógica domesticadora desenvolvida nas salas de aula, a má formação docente inicial e continuada, pais menos participativos na vida dos filhos, currículo fechado, despreocupado com a realidade local, e a falta de prioridade das políticas públicas educacionais alinhadas com a realidade das escolas.

Todos esses fatores são reflexos que limitam o processo de ensino-aprendizagem na escola. O trabalho buscou o entendimento como um todo da indisciplina escolar foi entrevistado direção, equipe pedagógica, alguns professores e alunos aos quais estes estavam distantes e não queriam colaborar com medo de críticas e represarias do Colégio Estadual Coronel Joaquim Pedro de Oliveira, do Município Japira, na busca sobre suas concepções a cerca da indisciplina escolar e como procuram lidar com esta problemática.

1.4 Estruturas

No desenvolvimento foi estabelecido o estudo de vários âmbitos e aspectos sobre a palavra “indisciplina”, talvez os percalços de estratégias tenham ficado muitas possibilidades de análise, mas, no primeiro capítulo que intitulamos “adolescência”:

Fases de transformação física e intelectual encontram-se um apanhado entre as considerações de PIAGET entre outros autores de renome no contexto da formação biológica/social/cognitiva/emocional de cada ser humano.

O segundo capítulo que intitulamos de disciplina e autonomia, falamos sobre o processo dos conceitos e das concepções sobre o que é comportamento, moral, condições de disciplinas e mudanças em ideias e práticas educacionais para as autonomias adornadas advindas da escola e o processo que os educando podem se sentir autônomos, o que é moral e o que é “disciplinar”.

No terceiro capítulo apontamos nossos resultados mediante a pesquisa feita através revisão bibliográfica e pesquisa de campo neste cotidiano escolar, os eventos da indisciplina se conectam a diferentes questões para uma aprendizagem adequada. No quarto capítulo temos algumas alternativas para indisciplina, onde professores poderão questionar e utilizar como meio de relações pedagógica.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A indisciplina tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre educadores e sociedade em geral. Pois o aluno tende a seguir suas próprias regras, não sente necessidade de regular as diferentes condutas a partir de uma única referência e apresenta tendência de eleger a ponto de vista próprio como absoluto.

As apreciações de limites geralmente estão relacionadas à concepção de educação denominada por PAULO FREIRE como bancário (FREIRE, 1996, p. 27), na qual o objetivo principal é transmissão de valores ou conhecimentos de forma simplificada e fragmentada. Essa concepção anula a criatividade e poder de ação do aluno.

A disciplina imposta é originada na ideologia liberal do século XVIII, com a função de aprisionamento e controle do homem. (REBELO, 2002).

A prática educativa se pauta por uma pedagogia do exame, ou seja, o que conta no final do processo não é a aprendizagem, mas as notas. Isso é valorizado pelo próprio professor que recompensa a entrega de atividades com pontos a mais ou a menos no conceito final. (LUCKESI, 1999)

2.1 Adolescência, Fase de Transformação Física e Intelectual

Na literatura verificamos que as teorias referentes à adolescência só estão em acordo quanto ao fato de ser ela uma fase de transformação física e intelectual, de assinalar o fim da infância. Elas discordam quanto às causas, à extensão e a importância dessa transformação. (CÉSAR COLL, 1995)

Durante a adolescência, espera-se que os jovens se tornem independentes dos pais, escolham uma vocação e para ela se preparem se ajustem convenientemente à sua maturidade sexual. A adolescência foi descrita por muitos teóricos. Eles divergem como um estágio definido antes de tudo por influências internas ou externas. (GEORGE STANLEY Hal 1994) criou a imagem da “tempestade e Tensão” para descrever a adolescência. Para

ele, trata-se de uma época difícil e traumática da vida de todo ser humano. (MANNING .pg. 174 – 1977).

Piaget e ERIKSON sustentavam posições intermediárias com referências aos determinantes do desenvolvimento do adolescente. Ambos reconheciam a influência da natureza, isto é, a maturação física e a educação (expectativas sociais).

Afirmava PIAGET (1988, p. 230) que: “os conflitos da adolescência decorrem da capacidade intelectual de criar realidades potenciais perfeitas que contrastam com a realidade muito menos perfeita do mundo”.

[...] o conflito surge entre a busca da identidade e a confusão dos papéis. A maturação física indica o início da idade adulta. Mas sob outros aspectos adolescentes age ou é tratado como criança. A ambigüidade do papel do adolescente na sociedade provoca confusão. Erikson (1992, p. 89).

O autor quer dizer que a adolescência é frequentemente considerada como uma época de crise de identidade. E precisa responder à pergunta “Quem sou eu?” ao mesmo tempo em que está se defrontando com outra pergunta: “O que virei a ser?” A identidade de uma pessoa tem de ficar estabelecida em relação aos pais, aos amigos e à própria sociedade. Dentro dessas áreas, o estabelecimento da independência e dos valores faz parte da crise de identidade.

O desenvolvimento físico, por vezes desengonçado, deixa claro que a infância está terminada, instala-se então a adolescência. Na busca de uma identidade, eles passam a se preocupar com todo e qualquer aspecto de si mesmos. Quanto maior o egocentrismo, mais difícil é a tarefa de estabelecer uma identidade. O compromisso que se faz necessário para assumir um papel adulto é quase impossível sem um sentimento estável do próprio eu. Os valores de um adolescente em qualquer época podem depender do papel por ele assumido. Os valores flutuam tanto quanto a identidade. É preciso que os adolescentes não somente decidam quais os valores que irão respeitar, mas também que aprendam a enfrentar os conflitos que inevitavelmente ocorrerão entre seus valores e os dos outros. (WALLON 1995)

idealista inflexível também proporciona ao adolescente um sistema de Essas duas tarefas, a de estabelecer os valores e a de reconhecer e enfrentar o compromisso colide entre si. Em geral, tal como acontece com outras formas de acomodação, o compromisso só se torna possível quando a adolescência já atinge um grau maior de adiantamento. Os valores idealistas adotados por muitos adolescentes os ajudam a evitar que seus valores sejam afetados por seus impulsos. Contribuem também para o processo de formação de identidade, pois eles distinguem os adolescentes da maioria dos adultos. Ser um cínico ou um convicções a que se agarrar até ficam estabelecidos os seus valores pessoais. Isto representa uma maneira de fugir à realidade que parece muito dura quando se perdem as ilusões da infância. Os valores idealistas também podem ser considerados como um derradeiro esforço para preservar as ilusões da infância. Erikson (1992 p. 91-92).

A definição dos valores pessoais é uma das maneiras através das quais os adolescentes procuram afirmar sua independência. A sociedade torna-lhes difícil atuar independentemente no mundo real. Por esse motivo, poderão ser sinais numerosos as formas revolucionárias ou de outro tipo qualquer de atividades contra-culturais que sirvam de válvulas para sua luta pela independência. Essa luta é dificultada pela sensação que tem o adolescente de estar fora de controle com referencia às transformações emocionais e da maturidade. Há uma incompatibilidade entre comportar-se de maneira responsável e sentir-se fora de controle. Como frequentemente não se sentem controlados, os adolescentes muitas vezes não são capazes de assumir a responsabilidade por seus atos. Eles lançam habitualmente a culpa sobre fatores externos. (MANNING, 1977)

A necessidade de conquistar sua independência pode fazer com que os adolescentes rejeitem os valores e relacionamentos com os quais foram educados. Isto provoca sentimentos de alienação, que constituem outra característica normal do desenvolvimento do adolescente na sociedade. A

alienação é mais grave quando vai além das questões ou situações específicas. Quando um adolescente tem a impressão de que ninguém o compreende e se sente incapaz de efetuar modificações positivas, sua sensação de alienação e desamparo podem ter como resultado um comportamento agressivo ou passivo e descompromissado. (ERIKSON 1992).

A família constitui o alicerce no qual podem ser levadas a cabo das tarefas do desenvolvimento do adolescente.

Mas a tentativa de estabelecer valores de identidade e independência na família, onde os pais possuem valores definidos e onde a identidade da pessoa sempre foi a de uma criança dependente constitui, nas melhores circunstâncias, uma tarefa penosa. Os adolescentes precisam de espantalhos aos quais possam opor seu idealismo, de refletores que os informem com relação aos papéis que estão experimentados, e de alguém de quem possam conquistar a independência, mas que também lhes dê apoio quando desistirem. Os familiares, principalmente os pais, são as pessoas mais indicadas para atender a essas necessidades. Eles conhecem o adolescente há mais tempo e podem proporcionar uma sensação de continuidade pessoal quando ele sente uma disparidade. Deram-lhe os cuidados necessários e determinaram as regras durante a infância, de modo que serão eles as pessoas desafiadas, mas com cuja presença se conta.

Quando os pais reagem com autoritarismo ou indiferença ao comportamento do adolescente, esta disfunção familiar pode levar a um comportamento delinquente.

A despeito das afirmações, a adolescente precisa e depende de seus pais considerados ao mesmo tempo como antagonistas e como sustentáculo, em sua luta para se fazer adulto. Com pais conscientes podem-se ter filhos (adultos) conscientes e responsáveis.

2.2 Disciplina x Autonomia

Os conceitos de disciplina geralmente estão relacionados à concepção de educação denominada por PAULO FREIRE de “bancária” (1996, p. 27), na qual o objetivo principal é a transmissão de valores e conhecimentos de forma

simplificada e fragmentada. “Essa concepção anula a criatividade e poder de ação do aluno”. Vale ressaltar que a disciplina imposta pelo professor é originária na ideologia liberal do século XVIII, com a função de aprisionamento e controle do homem (REBELO 2002, p. 25).

Nessa perspectiva, a indisciplina escolar é entendida como atitudes contrárias e ameaçadoras aos preceitos estabelecidos como verdades absolutas, impostos pelo currículo escolar aos integrantes do processo educativo. Desse modo, é representada tanto pelas atitudes passivas quanto pelas manifestações ativistas dos alunos, sendo que ambas denunciam a insatisfação desses em relação ao tipo de educação praticada na escola.

A insatisfação com o modelo de educação escolar é reforçada por ANTUNES (1999, p. 19). Ele afirma que a forma contemporânea de sobrepor o “ter” ao “ser” acarreta consequências morais inevitáveis que se traduzem nas relações entre pais e filhos e entre alunos e professores. Para esse autor, a educação atual não reserva espaço para a ação moral, para o valor da palavra, o sentimento de ternura por uma causa distante, o valor da intimidade. Desse modo o que parece ser indisciplina constitui-se na disciplina desses tempos. Assim, a gênese da indisciplina não reside na figura do aluno, mas na rejeição inerente à escola, que não assume nem administra os novos modelos de existência social, de contemporaneidade.

CARVALHO (1996, p. 23) coaduna com esse pensamento e afirma que o conceito de disciplina escolar tem relação com a submissão do aprendiz às regras e estruturas do que pretende aprender ou à autoridade do mestre. Desse modo, as regras encontram seu significado como um caminho para aprendizagem.

Já para REBELO (2002, p. 42-43), disciplina é uma técnica de exercício de poder elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Segundo esse autor, o sucesso do controle disciplinar se deve ao uso de alguns instrumentos como: olhar hierárquico, que permite o acompanhamento do que domina sobre o dominado, sanção normalizadora, que reduz desvios por meio da aplicação de castigos; exame como uma ação normalizadora que permite qualificar, classificar e punir, diferenciando e sancionando indivíduos.

A difusão das ideias desse século encontrava respaldo na disciplina escolar, que servia para manter a ordem e controlar as crianças por meio do ensino centrado no professor e conteúdos e da submissão e silêncio do aluno.

REBELO (2002, p. 43) salienta que, infelizmente, séculos depois, nossas escolas ainda são estruturadas sob essa ideologia. A autora destaca como semelhanças: a organização espacial na sala de aula, a prática pedagógica, a hierarquização de funções, a relação interpessoal, a disciplina, a organização e funcionamento da escola e a avaliação para isso se faz necessário alunos responsáveis e de permanência nos bancos da escola sem ter muito questionamentos ou serem mais críticos.

VASCONCELOS (1993, p. 12) segue outra linha e apregoa a disciplina a partir de uma concepção libertadora. Para eles, “disciplina é auto-regulação do sujeito ou grupo, tendo em vista o objetivo de atingir”. Nessa concepção, o educador é o articulador da proposta e assume a responsabilidade pela disciplina apenas num primeiro momento, delegando-a a turma de modo progressivo. Desse modo, o parâmetro não é a autoridade do professor, mas as condições necessárias para o trabalho coletivo.

Nesse contexto, disciplinar não é punir, mas estabelecer limites de modo dialógico, levando o aluno a perceber que sinalização de um comportamento ou atitude considerado inadequado não interfere no sentimento de amor dos responsáveis por ele. A criança educada para receber disciplina acaba desenvolvendo a autodisciplina

Essa premissa pode ser reforçada com uma citação de VASCONCELOS (1993, p. 38-39), para quem o objetivo da “disciplina” é:

Autogoverno, a auto-regulação do indivíduo ou grupo, a partir da interação social, tendo em vista atingir um objetivo. É por meio da disciplina que são geradas as condições necessárias para o trabalho coletivo em sala e na escola, oportunizando o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, criando condições para uma aprendizagem significativa, criativa e duradoura. “Não se quer a disciplina formal da educação tradicional, mas também não a disciplina espontaneísta da educação moderna. Almeja-se uma disciplina

consciente e interativa, marcada pelo respeito, responsabilidade, participação, construção do conhecimento, formação do caráter e cidadania.

Sob esse prisma, a disciplina não é uma finalidade educativa em si e não pode ser puramente exterior, baseada num conjunto de regras de conduta, normas disciplinares e hierarquias rígidas. Ela não se institui pelo autoritarismo ou arbitrariedade, mas como condição indispensável a uma prática pedagógica de qualidade, oportunizando o desenvolvimento da autonomia consciente, o que contribuirá para uma intervenção social justa, honesta e comprometida.

A importância do desenvolvimento da autonomia ultrapassa a questão disciplinar, de regulação de comportamentos, e se insere em um contexto mais amplo, uma vez que, na sociedade atual, os indivíduos estão mergulhados na turbulência da incerteza, o que os leva a procurar soluções alternativas para o percurso da existência dos novos paradigmas sociais da cultura contemporânea. A refletividade exigida pela sociedade globalizada aponta para a autonomia como condição de autodeterminação para conviver com os riscos, incertezas e conflitos, como um valor gerador de decisões e criador de possibilidades no manejo com o conhecimento.

Nessa perspectiva, a autonomia se refere às múltiplas capacidades do indivíduo, ao seu modo de viver e aos seus valores culturais, à luta pela sua emancipação e desalienação, à forma de ser, sentir e agir, à resolução de conflitos, ao fortalecimento em relação às suas próprias emoções, o que o torna capaz de se solidarizar com as emoções dos outros e, enfim, estar mais associado em suas ações (SOARES; PEREIRA, 1998).

2.3 Autonomia, Uma Problemática Atual

A autoridade constitui uma categoria central da essência da vida humana e, como tal, confere o poder de determinar os processos e as estratégias de ação, escolher caminhos e alternativas, bem como objetivar desejos e ideais no sentido de efetivar a ação crítica nas mais diversas situações.

Assim, a educação escolar deve ser repensada segundo as exigências da atualidade, assumindo seu papel na formação da consciência crítica, disseminando a autonomia como valor central da defesa de um projeto de cidadania que promova a liberdade e a justiça.

Para que a escola se constitua em um espaço de desenvolvimento intelectual e da autonomia, é preciso que os envolvidos no processo educacional compreendam que o desenvolvimento dela é uma construção individual, mediada pela ação social, que estabeleçam e valorizem a comunicação dialógica (aluno, professor, assessor, gestor), propícia à criação de estruturas metodológicas mais flexíveis para reinventar sempre que for preciso, e que os educadores assumam sua função na construção colaborativa de conhecimentos, favorecendo situações de desenvolvimento individual pela desestruturação de hipóteses cognitivas instituídas.

Essa ação mediadora requer conhecimento das teorias psicológicas e pedagógicas, algumas das quais relacionadas ao desenvolvimento da autonomia, que apresentamos a seguir, de forma sintética.

PIAGET foi um dos primeiros a buscar a compreensão da moralidade humana em sua dimensão psicológica e no desenvolvimento da criança. Esse conhecimento viabiliza a liberdade orientada, que possibilita à criança fazer o que é capaz, contribuindo para que se conheça e se avalie e para que desenvolva competências condizentes com suas habilidades (NICOLA, 2000, p. 78).

De acordo com a PIAGET (apud ARAÚJO, 2001, p. 54), o indivíduo nasce no estado de anomia, isto é, sem conhecer nenhuma regra. Ao interagir com o mundo, percebe lentamente que elas existem. Em seguida, constrói o estado de heterônoma, quando entende que existem regras, mas elas têm origem externa, nas outras pessoas. Nesse processo de desenvolvimento psicogenético o próximo passo é a construção do estado de autonomia, quando as regras são internalizadas e percebidas como o indivíduo.

A criança heterônoma não concebe as regras como necessárias para regular e harmonizar as ações de um grupo social, atribuindo-lhes uma origem estranha à atividade e aos membros do grupo, bem como uma imutabilidade definitiva. (LA TAILLI, 1992, p. 93; PIAGET, 1964).

Para Piaget (apud LA TAILLE, 1992, p. 89), a autonomia relaciona-se ao desenvolvimento do juízo moral, que se inicia pela aprendizagem de diversos deveres impostos pelos adultos às crianças (não mentir, não pegar as coisas dos outros, etc.).

O dever significa obediência a uma lei revelada e imposta pelos adultos, sendo as suas razões desconhecidas. Por esse motivo, não são consideradas como critério para o juízo moral (LA TAILLE, 1992, p. 67).

Desse modo, pode-se afirmar que a justiça ultrapassa o dever que “se cumpre”, uma vez que a justiça “se faz”; representa um ideal, uma meta, algo a ser conquistado, um bem a ser realizado. Isso requer do indivíduo um posicionamento, uma tomada de decisão a partir da avaliação e interpretação das diversas situações.

A partir dos estudos de Piaget, pode-se concluir que o sujeito participa ativamente de seu desenvolvimento moral, sendo esse entendimento como um fato social. As fases da anomia, heterônoma e autônomas identificadas por Piaget como estágios do desenvolvimento do juízo moral relacionam-se ao desenvolvimento cognitivo, sendo, portanto, possível relacionar cada uma dessas fases à determinada faixa etária.

LAUWRENCE KOHLBERG, psicólogo e filósofo americano (1926-1987) seguidor de Piaget, resgatou a noção do indivíduo moralmente consciente e validou a teoria do desenvolvimento do juízo moral (estruturalismo genético, também denominado cognitivo-estruturalista), por meio de pesquisas interculturais no campo da moralidade infantil. Ele constatou que, independente da cultura ou grau de desenvolvimento das sociedades, as crianças constroem a consciência moral seguindo uma sequência determinada, invariante e universal de estágios, sendo que cada um deles apresenta características típicas.

Em sua teoria, KOHLBERG postula seis estágios morais, distinguindo três grandes níveis de moralidade: o pré-convencional, o convencional e o pós-convencional (MARTINS, 2003, p. 101).

No nível de moralidade pré-convencional existe a percepção das regras sociais, porém o certo/errado e o mal/bem estão vinculados diretamente à punição, recompensa, troca de favor ou poder físico dos que formulam as regras.

Este nível contém os estágios das morais 1 e 2. No estágio da moral 1, estágio do castigo e da obediência, da moralidade heterônoma, a orientação sócio moral é egocêntrica. O valor moral defendido é o da obediência às regras e à autoridade.

O correto é evitar infringir as regras, obedecer por obedecer e evitar causar danos físicos a pessoas e propriedades. A justificativa dos julgamentos centra-se em evitar o castigo e o exercício do poder superior que as autoridades têm sobre o indivíduo.

No estágio 2, estágio do objetivo instrumental individual e da troca, o valor moral defendido é o de seguir as regras quando for de interesse imediato. O correto é agir para satisfazer os interesses e necessidades próprias e deixar que os outros façam o mesmo.

O correto também é o que é equitativo, ou seja, uma troca igual, uma transação, um acordo. A justificativa dos julgamentos baseia-se em servir as necessidades e interesses próprios em um mundo em que há outras pessoas com seus interesses. Nesse estágio, a orientação sócio moral é dita individualista concreta.

No nível de moralidade convencional, o indivíduo preserva e apoia e justifica uma ordem social, sendo leal, identificando-se com as pessoas ou grupos dos quais participa. É composto pelos estágios das morais 3 e 4.

No estágio da moral 3, estágio das expectativas interpessoais mútuas, dos relacionamentos e da conformidade, os valores defendidos estão pautados na preocupação em desempenhar o papel de uma pessoa boa (amável), em preocupar-se com os outros e seus sentimentos, em ser leal e manter a confiança dos parceiros, em estar motivado a seguir as regras e expectativas. Esse é o estágio da regra de ouro: aja com os outros como gostaria que eles agissem com você. Surge aqui a perspectiva sócio moral do indivíduo em relação aos outros indivíduos.

Ainda de acordo com MARTINS (2003, p. 103). Já no estágio 4, estágio da preservação do sistema social e da consciência, os valores defendidos envolvem o fazer seu dever na sociedade, apoiar a ordem social, manter o bem-estar da sociedade ou do grupo, cumprir os deveres com os quais se concordou, apoiar as leis.

Nesse estágio, tem-se, como orientação sócio moral, o ponto de vista de que o sistema define papéis ou regras. As relações individuais são consideradas em termos do lugar que ocupam dentro do sistema.

O último nível de moralidade é o pós-convencional, no qual existe um empenho para definir princípios e valores morais não dependendo de autoridade para a sua sustentação e da identificação do sujeito para com essa autoridade.

No estágio da moral 5, estágio dos direitos originários, do contrato social ou da utilidade, são valores defendidos: sustentar o direito, valores e contratos sociais básicos de uma sociedade, mesmo quando em conflito com regras e leis concretas do grupo. Além disso, reconhece-se que os valores variam de cultura para cultura, mas que existem valores e direitos não relativos, como o direito à vida e à liberdade que devem ser defendidos independentemente da opinião da maioria.

Nesse estágio, são justificativas da argumentação: a obrigação de cumprir a lei em função de um contrato social que protege seus direitos e os dos outros. Nesse sentido, as leis e deveres são baseados em cálculo do maior bem para o maior número de pessoas (critério da utilidade). Aqui, na orientação sócio-moral, o ponto de vista é o da sociedade. Se há conflito entre o conflito entre o ponto de vista moral e o legal, não se consegue integrá-los.

No estágio 6, estágio dos princípios éticos universais, tem como valores defendidos: seguir o princípio ético universal de justiça que engloba os conceitos de dignidade inviolável da humanidade, de liberdade, solidariedade e igualdade. As leis são válidas se seguirem esses princípios, se violarem esses princípios, não se deve obedecer a elas, pois o princípio é superior à lei. Assim, os princípios têm validade independentemente da autoridade de grupos ou pessoas que os sustentem e da identificação do sujeito com essas pessoas e grupos.

[...] o desenvolvimento moral completo pressupõe que o indivíduo tenha chegado ao último estágio do desenvolvimento cognitivo, isto é, o estágio do pensamento formal, com o domínio das estruturas lógico-matemáticas. Mas que essa condição necessária não é suficiente para que ele seja capaz de fazer

juízos morais no nível pós-convencional (MARTINS, 2003, p. 17).

Definidos os estágios e tendo criado uma metodologia capaz de diagnosticar em qual deles as pessoas se encontram, KOHLBERG propõe modos de interferência na passagem de um estágio para outro, possibilitando que as pessoas desenvolvam sua capacidade de fazer juízos morais. Desse modo, organizou uma proposta capaz de ajudar os alunos a atingir patamares superiores da consciência moral por meio de um programa de educação moral para a solidariedade e cooperação em escolas e universidades, assegurando a construção de estruturas de raciocínio (lógico e moral) mais equilibradas, competentes e integradas (MARTINS, 2003, p. 21).

A relação de coação de uma relação assimétrica, na qual um dos pólos impõe ao outro, suas formas de pensar, seus critérios, suas verdades. Nessa relação não há reciprocidade pelo fato de se caracterizar como uma relação constituída, sendo as regras apresentadas, instituídas sem o envolvimento do grupo. O que foi imposto permanece exterior à consciência, caracterizando-se como uma “coisa” na qual se acredita.

As relações de coação compreendem a moral como exterior aos indivíduos e imposta a eles pela sociedade, desse modo garantem uma “moral comum”, na qual cabe ao indivíduo adequar-se ao padrão de comportamento estabelecido. Nesse contexto, as diferenças individuais são consideradas inadequações parciais em relação à norma comum (LA TAILLE, 1992, p. 91).

A superação da coação se dá pela relação de cooperação, que é simétrica, regida pela reciprocidade. Esse tipo de relação exige que os indivíduos se descentrem para compreender o ponto de vista alheio (coordenar o ponto de vista próprio com o do outro). Da cooperação, derivam o respeito e a autonomia, o desejo pelo bem como uma aspiração, um ideal de modo essencialmente racional. Sob esse prisma, o equilíbrio social não se restringe à padronização dos comportamentos, estruturando-se a partir da coordenação das diferenças existentes, gerando uma “moral como” em constante modificação (LA TAILLE, 1992, p. 94).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, ao optar por uma relação de coação, a escola fornece um modelo de comportamento a ser seguido,

necessitando de uma figura de autoridade que garanta a instituição das regras preestabelecidas, bem como a aplicação de sanções nos casos em que estas não forem cumpridas.

Nesse contexto, cabe ao professor querer ser cooperativo, sendo que essa escolha depende de uma atitude moral que engloba o valor ético da igualdade, da liberdade, da democracia, o valor dos direitos humanos. Dessa postura, decorre o abandono do papel de autoridade, uma vez que a cooperação permite que a autoridade seja questionada em nome da razão. Assim, o professor passa a ser o agente promotor da análise, discussão, avaliação e julgamento das situações reais vividas pelos alunos dentro e fora da escola, o mediador do processo, parceiro no estabelecimento de relações pessoais, interpessoais e cognitivas que viabilizam a (re)construção colaborativa de conhecimento. A efetivação dessa premissa requer um trabalho sistemático do professor para que os envolvidos no processo educacional considerem o ponto de vista alheio, respeitando-o. Requer, ainda, o respeito às diferenças individuais e o convívio com a pluralidade de opiniões, crenças e credos, o estabelecimento de acordos, negociações, contratos entre professor/aluno, aluno/aluno e professor/professor.

Assim, a autonomia explicita-se pela participação irreduzível e indispensável do indivíduo na elaboração de novas formas de pensar e novos conhecimentos a partir de relações de cooperação (LA TAILLE, 1992, p. 92).

3 METODOLOGIA

Mesmo que seja tão somente representativa e descritiva, a presente pesquisa pode justificar-se, pois:

A pesquisa que é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas de significados que o ambiente lhes outorga, como aqueles são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem por base a percepção de um fenômeno num contexto (TRIVINOS, apud SIMÕES, 2003, p. 69).

Nesse contexto, o que se pretendeu foi realizar uma descrição e uma síntese do que os profissionais da educação na área de ciências entrevistados (professores e equipe pedagógica), concebem como indisciplinar e os problemas por eles vivenciados no cotidiano escolar.

O instrumento utilizado para a coleta de dados será um questionário, com cinco perguntas abertas, nas quais serão instigados a refletir sobre o contexto no qual ocorre a indisciplina na escola.

O Sistema de Ensino no Brasil está regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB que entre outros preceitos, determina os níveis e modalidades da Educação Nacional. O nível I se refere à Educação Básica, formada pela Educação-Infantil o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O nível II compreende o Ensino Superior.

Em face da natureza deste estudo, o mesmo será desenvolvido em uma escola da rede Estadual de Ensino do Município de Japira, no Estado do Paraná.

Colégio Estadual Joaquim Pedro de Oliveira na qual serão entrevistados dois professores (um do sexo feminino e outro masculino) que atuam na área de ciências, com disciplinas de física, biologia, matemática, ciências, esses professores ministram aulas ainda em um colégio particular, e são participantes de curso de formação continuada.

A professora tem mais de 20 anos de profissão, ministra aulas de matemática e ciências, sua formação em ciências e matemática. O professor tem 15 anos de profissão, atua na área de física, química e biologia, sua formação em ciências e, biologia e química.

Ainda foi entrevistada a diretora da instituição e a pedagoga, onde se uniram para realizar a resposta das perguntas, cuja função vem sendo exercida a 4 anos. A diretora e a pedagoga se formaram no mesmo ano em 1986.

Os alunos entrevistados têm idades de 14 e 16 anos, sendo alunos do ensino fundamental I e está no mesmo nível de ensino na 9ª ano.

A cidade de Japira é uma comunidade com pouco mais de 3 mil habitantes, a maioria dos alunos pertencem a classe rural os outros são alunos ociosos da cidade, isto é, cuja família não trabalha com atividades rurais. A cidade é pequena tem poucos recursos e desemprego.

A cidade de Japira possui uma escola com atividades de ensino infantil, um colégio de ensino fundamental e uma escola de ensino médio.

4 PESQUISA

4.1 Análise de Dados

A percepção da indisciplina como um processo leva o professor a assumir um discurso progressista, contraditório com sua prática ainda tradicional, onde se percebe com nitidez a dicotomia entre teoria e prática.

Ao se referir à equipe pedagógica, todos os professores consideram fundamentais os seus envolvimento para auxiliá-los na sublimação da indisciplina do aluno. As disposições em acatar ideias, opiniões, sugestões e críticas, como parte do trabalho da equipe pedagógica, são afirmativos presentes nas respostas dos docentes.

Perguntado sobre as condições ofertadas pela escola para o processo de ensino-aprendizagem, foram consideradas unânimes as respostas apresentadas pelos professores pesquisados, que consideram “um tanto precárias”, constituindo-se num entrave para que o conhecimento se construa e se tenha uma boa avaliação.

Não se deve negar a importância de uma biblioteca atualizada com a literatura infanto-juvenil, ambientes físicos, brinquedoteca, que proporcionem ao aluno, principalmente quando se falam em criança e jovens na puberdade, o acesso e compreensão não apenas do mundo da ciência, mas também do entretenimento carregado de significados, que promove o desenvolvimento integral do indivíduo.

Por outro lado, as questões das condições físicas e materiais da escola pública, passam, sem dúvida, pela questão da política educacional.

Porém considerando que em nosso país a educação não é tratada com prioridade, reflete-se o descaso na escola, como afirma LUCKESI (1997, p. 99): “O sistema social não demonstra estar tão interessado, em que o educando aprenda, a partir do momento em que investe pouco na educação”.

No Ensino Fundamental, essa carência fica mais visível, uma vez que para esse grau exigem-se condições físicas e materiais específicos para o desenvolvimento dos conteúdos.

Isso vem ao encontro ao exposto por AQUINO (1996, p. 36) que diz:

Afirmaram-se por um lado, que a razão da (in)disciplina é a própria lógica do cotidiano escolar, estruturado a partir da ideia da criança-em-desenvolvimento que, por sua vez, é uma invenção do espírito moderno, e, por outro lado, esse último possível de ser exorcizado apenas com a referencia do passado, então nada impede educadores de se desvencilharem do mal-estar profissional. Como se faz isso? É muito simples: abrindo mão, justamente, do discurso pedagógico hegemônico. E como isso se faz? Em primeiro lugar, há que se aprender a desistir um pouco da exigência louca de querer reencontrar no aluno real a criança ideal; e, segundo, deve-se contestar o processo da psicologização do cotidiano escolar, em especial a ilusão metodológica.

Questionados acerca dos fatores que ocasionam a indisciplina em sala de aula, os professores responderam de imediato que é a falta de apoio e presença da família na educação dos filhos. Todos precisam se unir para a formação de um cidadão crítico e atuante na sociedade frase dita por um professor.

Questionados sobre a adequação de sua prática pedagógica para atender a diversidade cultural dos educando e por consequência coibir a indisciplina, os professores em sua maioria, responderam de forma enfática, que sempre trabalharam da forma que trabalham e os resultados sempre foram bons. Mas tudo se revela, pois assim pode remeter não só a discussão do assunto como também levava um currículo variado.

Para que as respostas tenham resultados adequados precisa-se que se desenvolvam eventos para amenizar as questões de indisciplina, pois se conectam a diferentes relações a respeito do aluno e do currículo. Assim professores acabam contribuindo para que os alunos, aos poucos, desistam de estudar e fazer com que a indisciplina tome conta de todas as atividades escolares.

Tratando desta questão, GIROUX e SIMON (apud SILVA, 1995) apontam as diferenças entre a cultura popular e a pedagogia aplicada à sala de aula:

Enquanto na cultura popular organizada em torno do prazer e do cotidiano, sendo apropriada pelos alunos no sentido de validar suas experiências, a pedagogia é definida principalmente em termos instrumentais e se apresenta como legitimadora e transmissora da linguagem, dos códigos e dos valores da cultura dominante, justificando-se as vozes do mundo dos professores e dos administradores da escola.

Ao perguntar para a equipe pedagógica qual a percepção dos professores sobre a indisciplina na sua forma de atuação perante o fenômeno, a entrevistada respondeu que os professores conhecem bem a questão e atuam de forma a saná-la, enquanto que os outros dois responderam que a indisciplina é um fenômeno que nem mesmo os teóricos da educação sabem como resolver. STOER (1995) afirma que:

...os processos dicotômicos, que marcam a forma como as escolas estão organizadas vão construindo nas salas de aula uma cultura disciplinar que rompe com as formas de mover-se, de falar, de estar, cultivadas no espaço cotidiano da vida das crianças fora da escola. Entrar para a escola significa renunciar à diversidade desse espaço, adentrando num espaço organizado para que todos os alunos sejam iguais, para que todos aprendam do mesmo jeito no mesmo ritmo. É a escola da passividade: a voz é do professor, e o aluno é dela destituído. Se aposta mais no trabalho individual, e a vida em grupo, tão decisiva na formação das crianças e jovens, fica do lado de fora da escola.

Perguntando a equipe pedagógica se os professores buscam para discutir questões da indisciplina, ou cada qual atua à sua maneira, baseando-se em parâmetros pessoais diante do fenômeno, obteve-se como resposta que

a maioria dos professores fazem alguma atividade para que se obtenham uma ruptura neste processo de indisciplina, é necessário um contrato social de aprendizagem, mas, porém os alunos como na maioria das vezes resistem e desistem a cumprir valores e atitudes. Afirmaram também que apesar dos professores procurarem a equipe, dificilmente adotam as sugestões dadas e que o aluno só os procura para reclamar.

Do mau comportamento dos colegas e nunca do seu, e que os professores dificilmente apresentam algum trabalho produtivo que estes alunos realizam.

Pode-se iniciar esse desvelamento, a partir da necessidade da equipe pedagógica entender que a retomada de um novo encaminhamento pedagógico que venha de encontro à diversidade cultural dos educando, por parte do professor, iniciar uma nova prática passa pela questão do compromisso a ser constantemente trabalhada na escola. Deste modo, a equipe pedagógica deve saber ocupar os espaços possíveis, dentre os quais o da orientação da prática pedagógica em sala de aula, que com certeza está a exigir uma ação prática inovadora.

Ao serem indagados como têm orientado os professores na questão da indisciplina, os integrantes da equipe pedagógica responderam que suas orientações são no sentido de que se adotem abordagens de ensino diversificadas que venham de encontro aos diferentes tipos de indivíduos que frequentam a sala de aula, buscando contextualizar o máximo possível os conteúdos trabalhados, a fim de manter o interesse dos alunos na aprendizagem. AQUINO (1996) alerta para o fato de que o professor:

Ao se propiciar uma forma de trabalho, um modo de operar, transmite um método de trabalho, uma disciplina para o trabalho. (...) a aprendizagem é, assim, a aquisição de formas de contrapor a um problema soluções próprias daquele que aprende. Essa noção de que a aprendizagem não se limita à repetição de procedimentos, ainda que dela provavelmente não possa prescindir em seus momentos iniciais, expressa-se com clareza em nossa linguagem corrente.

A última pergunta aplicada à equipe pedagógica questionou-os sobre as ações desenvolvidas em conjunto com os professores para mediar o fenômeno da indisciplina obtendo-se como resposta que esta é uma tarefa árdua, mas que todos os meses é feita uma reunião pedagógica, na qual o problema é colocado em debate, apresentando-se os casos mais complexos. Após a explanação dos problemas, a equipe e os professores apresentam sugestões para mediar o fenômeno, buscando-se estratégias de ensino que venham de encontro aos anseios.

Destes alunos, o que é considerado tanto pelos professores como pela equipe pedagógica como uma das práticas mais plausíveis de dar resultados.

Reforçando essa questão, AQUINO (1996) salienta para o fato de que:

Ofertando aos alunos cultura e não migalhas pedagógicas embrulhadas em bondade psicoafetiva, estaremos acertando nossas contas com o passado que nos sujeita. Por acréscimo, como, “aliás”, a história nos mostra e a própria psicanálise afirma a priori, as crianças sempre algo aprenderão para além de toda “sua” (in) disciplina.

Nesse contexto, o que se constata com a investigação feita junto aos professores e equipe pedagógica do Colégio Estadual Coronel Joaquim Pedro de Oliveira, no Município de Japira – PR, sobre o fenômeno da indisciplina, é que no cotidiano da escola, o problema existe de forma acentuada, mas que ambos os lados entrevistados, consideram que mediam bem a questão.

5 CONTRIBUIÇÕES: UMA ALTERNATIVA PARA INDISCIPLINA

REBELO (2002), revela que devemos considerar que ninguém nasce disciplinado ou indisciplinado. A disciplina é algo que precisa ser construído e o aluno que ainda não apresenta um comportamento desejável, encontra-se em um ponto de seu desenvolvimento que VYGOTSKY (1984), chamou de “zona de desenvolvimento proximal” e que dependem da participação de elementos mais experientes da cultura. Por aí, percebe-se que disciplina/indisciplina é uma questão de aprendizagem. É uma construção coletiva, já que uma luta que necessita da participação de toda a sociedade.

As propostas que serão apresentadas foram divididas por segmentos, mas isso não significa que cada segmento tenha que trabalhar de maneira isolada.

5.1 O Papel da Escola

A escola é uma instituição que proporciona a oportunidade de estudo, ela tem de estar preparada para cumprir seu objetivo. Considerando que a escola já não cumpre mais seu papel de proporcionar ascensão social. Esse papel deve ser buscado num contexto social maior, salienta GUIMARÃES (1995).

Para AQUINO (1995), é preciso conquistar o aluno a fim de que ele participe também da luta no sentido de promover mudanças, já que o momento não é de estudar para garantir um lugar no mundo, estudar para adquirir competência para contribuir com seu esforço para as necessárias mudanças na sociedade.

DAVIS e LUNA (1991) propõem que a escola, em suma, deve desalienar o aluno, dando um novo sentido ao conhecimento que deve levá-lo a ser capaz de participar da transformação estrutural da sociedade. O que significa ter possibilidades de compreender o mundo, usufruir do patrimônio cultural construído pela humanidade, participar das transformações visando um mundo melhor, mais justo e solidário.

De acordo com MEDEIROS (1995), é necessário que a escolar seja um ambiente repleto de estímulos para que professores e alunos participem de forma ativa e consciente em direção do seu próprio desenvolvimento. Desta forma o aluno terá consciência do por que e do para quê ele está na escola.

5.2 Estabelecer uma Linha Comum de Ações

Em suas análises sobre a questão do trabalho didático, VASCONCELOS (1995), relata que é evidente que escola, professores e a sociedade desejam ver resolvidos os problemas de indisciplina escolar. Todos os esforços visam procurar meios de obter dos alunos uma postura condizente com o ambiente escolar, mas o fazem de modo individualizado, pois cada agente do processo tem uma postura própria e, geralmente, arbitrária, na medida em que não tem uma conduta basilar.

Na opinião de JOVER (1998), a uma necessidade de se estabelecer uma postura, o que é perfeitamente possível sem ferir as características individuais. É premente, pois, sem isso, os problemas não só disciplinares como os de outra natureza tornarão cada vez mais complexo de difíceis de resolver. Reforça CARVALHO (1998), que as normas devem estar bem definidas em que fiquem registradas as finalidades nas linhas de ação da escola como um todo e, de forma alguma se deve desprezar a participação dos alunos na sua elaboração.

5.3 Cunho Dinâmico as Reuniões Pedagógicas

Conforme AQUINO (1995), reuniões pedagógicas não faltam nas escolas, o que falta é dinamismo para elas. Denominam-se elas simplesmente “reuniões pedagógicas” ou mais sofisticadamente “hora de trabalho pedagógico coletivo”, gastam-se horas intermináveis em discussões estéreis, sem que se tenha conclusão alguma. Isso quando a reunião não se transforma numa sessão de avisos e recomendações aos professores por parte dos diretores, coordenadores e supervisores.

Por força da falta de dinamicidade, as reuniões se tornam insuportavelmente monótonas e, por incrível que pareça, os professores tendem à indisciplina, que é justamente aquilo que se quer combater quanto à postura do aluno (LIBÂNEO, 1982).

Transformar o Discurso em Ações

Conforme AQUINO (1995) houve oportunidade de reforçar a necessidade das normas como guia para um eficiente desempenho escolar. Tais normas, contudo, têm de refletir a realidade do processo pedagógico e não estar alienadas de suas reais necessidades.

Na opinião de LA TAILLE (1994), que trabalhar com limites é necessário, entretanto é de bom alvitre dosar esses limites, pois, se impostos além destreitamente necessário, corre-se o risco de, em vez de racionalizarem o trabalho, transformarem-se em instrumentos repressores da liberdade criadora tanto do professor como do aluno.

Em vista disso, comenta STOER (1995), é extremamente importante que, entre a definição de determinados parâmetros, haja um espaço para os necessários questionamentos, por isso a escola deve criar oportunidade para uma constante avaliação desses parâmetros, a fim de que não ocorra um divórcio entre o discurso e a prática.

5.4 Substituir Metodologias de Ensino Passivas

Segundo VASCONCELOS (1995), as exigências das escolas por procedimentos de ensino mais dinâmicos, conteúdos mais significativos, metodologias que envolvem participação plena do educando, de modo que o interesse pela busca do saber venha do próprio aluno, sem o emprego de recursos impositivos, que causam medos e angustias, sobretudo através de determinadas formas de avaliação, que invés de contribuírem para a construção do conhecimento, subestimam as capacidades do estudante, levando-o a uma postura de indiferença diante das realidades do mundo. Ainda, AQUINO (1995), afirma que é preciso que o docente se conscientize de que a aprendizagem consiste na apreensão da realidade através de alguma ação do aluno com relação a essa realidade, promovendo experiências diretas,

experiências indiretas, feitas em laboratório, manipulação de objetos e símbolos, com o intuito de obter respostas às suas indagações, realizarem descobertas, criar coisas novas, relacionar novos conhecimentos a outros já assimilados.

5.5 Estimular as Relações da Família com a Escola

Através de discussões bem orientadas, a escola poderá obter elementos que a auxiliem na tarefa de resolver problemas disciplinares. Por outro lado ela pode oferecer à família larga contribuição nesse sentido.

Conforme VASCONCELOS, (1995) o elo entre a escola e a família deve ser além da questão, se não ajuda não atrapalhe. É necessário que a escola invista no trabalho de conscientização dos pais, esclarecendo a concepção de disciplina escolar.

De um modo geral, salienta TIBA (1996), a escola não está estruturada para desenvolver um trabalho mais amplo com as famílias, falta espaço e há dificuldade de reunir todos os professores num mesmo horário. Por outro lado, não é tradição em nosso país a presença maciça de pais em reuniões que a escola promove. Quanto a esse problema, VASCONCELOS (1995) recomenda que a escola não deva deixar de realizar um bom trabalho motivado pela diminuta participação dos pais. Mesmo com poucos pais, há a possibilidade de trabalho com esse grupo no sentido de mostrar a realidade da escola e seus objetivos.

5.6 Consciência que Disciplina Deve Ser Construída

Para DAVIS e LUNA (1991), a disciplina não é algo a ser exigido do aluno ou a ele imposto. Contudo, construído simultaneamente com a construção do conhecimento. A construção da disciplina faz parte do processo educativo e o indivíduo não se educa sozinho, mas através da interação com seus semelhantes.

Entretanto o professor deve ter o cuidado de não transformar essa interação numa relação de dominação, pois, se assim agir, em vez de construir,

promovendo o aluno das mais diversas formas, ele estará “reduzindo-o a objeto de satisfação de suas necessidades alienadas” (VASCONCELLOS, 1995, p. 69).

Para BENAVENTE (1994), é importante que o professor abandone o caráter formal de sua posição para se tornar, não um ditador de normas, mas um líder que mereça a confiança e o respeito dos seus alunos e seja o legítimo organizador do grupo-classe a fim de que o processo da aprendizagem se realize de modo eficiente e efetivo. Assim, confirma MEDEIROS (1995), o aluno compreenderá o verdadeiro sentido da disciplina e passará a agir coerentemente com a natureza do trabalho a ser realizado.

5.7 Ambiente de Trabalho Visando ao Grupo Classe

A construção de um ambiente de trabalho que vise um grupo como um todo, MORAES, diz que requer esforços, sacrifícios, atenção, dedicação e o aluno está sujeito a frustrações, angustias, “atividade escolar é um trabalho”. Da mesma forma, o relacionamento humano é essencial no processo da aprendizagem e esse relacionamento tem que ser constituído dia-a-dia das atividades escolares. A construção do conhecimento é a construção da pessoa e a construção da pessoa se faz da construção do coletivo.

No entanto, VASCONCELOS (1995), para construir a coletividade, é necessário partilhar o trabalho, as responsabilidades, inclusive no que se refere à disciplina, pois, se tudo ficar sob o domínio do professor, as chances de se obter uma disciplina consciente é remoto. Para que haja a construção do coletivo é preciso que se aprenda conviver democraticamente.

LA TAILLE (1994), afirma que a família pode ter uma importante participação nessa construção procurando entender a verdadeira função da escola, seu funcionamento, suas razões, suas regras e, sobretudo compreender que as regras da escola são diferentes das regras da família, contudo ela pode ajudar na educação para disciplina, ensinando em casa que existem limites a serem cumpridos nos mais diversos setores da sociedade.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho visou ao estudo da indisciplina no Ensino Fundamental com professores da área de Ciências que trabalham com conteúdos que exigem do aluno sua atenção e concentração, como também, procurou-se por meio de revisão bibliográfica descobrir o que pensam os educadores da atualidade, e outros tradicionais, a respeito do assunto e quais as teorias sobre esse tema, tremendamente angustiantes para os pais e professores, indesejável para as crianças que vão à escola para desenvolverem suas habilidades, devendo conviver com outras que nada fazem e ainda procuram tirar a sua atenção, contudo não se pode perder de vista dos alunos. Percebemos que não existe uma só, mas várias situações que podem levar à indisciplina. Porém, há formas, de alterar esse quadro, canalizando-as para situações mais construtivas.

No decorrer do trabalho, pode-se constatar que a indisciplina é um monstro que também ataca as famílias que, por não saberem como lidar com ela jogam para a escola toda a responsabilidade de educar os seus filhos. É preciso que a família recupere sua estabilidade econômica e emocional, a fim de que haja distribuição de responsabilidades, porque há aspectos dos quais serão eficientemente ensinados e aprendidos no seio da própria família.

A sociedade também tem sido causadora de seres indisciplinados, talvez pelo interesse material que toma conta das pessoas, em detrimento dos valores morais e espirituais. O jovem, ao perceber verdades banalizadas pela ganância, pela corrupção, pela falsidade e pelo egoísmo, respondem com agressão, com desrespeito, com drogas, roubos e outros. Seria preciso que todos os segmentos da sociedade reformulassem seus ideais, seus objetivos e passassem a agir com maior discernimento quando se trata de crianças e jovens, a fim de que estes recebam o apoio necessário para caminhar pela vida com passos firmes em direção a uma estrada limpa e reta, como deve ser a dos cidadãos que se fazem respeitar.

Nem sempre a escola é a vítima quando se fala em indisciplina, é sabido que umas séries de fatores em seu interior são responsáveis pela formação dos alunos desatentos, briguentos, sem disciplina, não só os professores, por

sua formação muitas vezes deficiente e atuação em sala de aula nem sempre ideal, mas também as dependências físicas velhas, materiais antiquado, aulas cansativas, conteúdo desatualizado, métodos de ensino que não suprem as dificuldades atuais, diretores autoritários ou omissos, políticas educacionais distantes da população-alvo. É preciso retirar o ranço das escolas, arejarem o corpo e a alma do professor, estimulando-o para que ele continue a lutar pela Educação.

Ainda que o aluno também saiba quando a indisciplina torna-se um inconveniente à aprendizagem. É hora de trabalhar esses valores juntos às escolas, pois o tempo está passando o aluno que hoje se senta numa carteira de pré-escola, estará em pouquíssimo tempo, às voltas com o vestibular, tentando uma “vaga na vida” (na melhor das hipóteses, pois que o mesmo poderá estar pensando que a escola não lhe satisfaz, e “partir” para atitudes que só conseguirão trazer desgostos a todos que estiverem a sua volta”).

A escola precisa deixar de ser assistencialista e voltar a exercer o papel que lhe compete historicamente, o de socializar a cultura, a informação e discutir o conhecimento das ciências e das artes e direcionar o aluno para a vida, para que possa ser útil à sociedade e a si mesmo.

Há um papel produtivo, de agente reflexivo, exercido. Pela indisciplina. Ela pode mover o currículo na direção de atender expectativas e necessidades dos alunos. E capaz de induzir mudanças em ideias e práticas educacionais insatisfatórias, e esse processo ser, considerado por professores, coordenadores pedagógicos, diretores e outros membros da equipe escolar.

Precisa-se de uma educação que valorize a organização coletiva, que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual, para que se conquiste uma sociedade democrática.

É utopia? É um sonho possível! Temos que ter esperança e meios de mudar toda ação para certa reação.

7 BIBLIOGRAFIA

AQUINO, J. G. Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. Indisciplina. São Paulo. Summus 1995.

_____. Confronto em sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.

BENAVENTE. A. O debate sobre indisciplina na escola. Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação. Porto: Afrontamento, nº 2, PP. 141-170. 1994.

CARVALHO, Patrícia. A indisciplina nossa de cada dia. In Revista do Professor. Porto Alegre: abr./ jun., 1998, p. 26-9.

D'ANTOLLA, Arlete (Org.). Disciplina na escola: autoridade x autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.

DAVIS B. C.; Luna, S. A questão da autoridade na educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 76, fevereiro, PP. 65-70. 1991.

DE LAJONQUIÉRE, I. De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRAS Lia. A produção da ignorância na escola. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, C. E. a disciplina no processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Didática, 1982.

GUIMARÃES, C. E. a dinâmica da evidência escolar, conflito e ambiguidades. Campinas. 1995.

JESUS, S. N. a gestão da disciplina na sala de aula e inovação educacional. In: Revista Noissés: Lisboa, nº 61, 1992.

JOVER, Ana. Indisciplina: Como lidar com ela? . In Nova Escola, nº 113, Junho, 1998 – p. 36-9.

SIDNEY, A. Manning. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Ed. Cultrix, pg. 174 – 1977, pg. 179 – 1977.

LA TAILLE, Y. Autoridade e limite: Jornal da escola da vila. São Paulo, nº 2. 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. A volta a grande disciplina. São Paulo: Loyola 1982.

LUCKESI, Cipriano C. a avaliação da aprendizagem escolar. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MEDEIROS, C. A indisciplina escolar: a (in) disciplina do desejo. Natal: Universidade federal do Rio Grande do Norte, 1995, (Dissertação de Mestrado).

MORAES, A. L. Reforma da disciplina escolar: quaes os mhetodos por excellencia? Rio de Janeiro: A noite. S/D. (Memória ao terceiro Congresso Americano da Criança).

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução sociológica. São Paulo: Ática, 1995.

REBELO. R. A. A. A indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação. Petrópolis: Vozes, 2002.

REGO, Tereza Cristina R. A disciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana, in AQUINO, Júlio Groppa (org). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

STOER, S. O debate sobre indisciplina na escola: Educação, Sociedade e Cultura. Lisboa, nº 1, vl. 1, PP. 141-169.

SILVA, T. T. (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis; Vozes, pg. 202 - 1995.

SIMÕES, S. M. Interação na sala de aula. Indisciplina e conflito na perspectiva dos professores do Ensino Fundamental. Monografia: Lisboa, 2003. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEVERINO, J. A. Metodologia do trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2000.

TIBA, Icamí: Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Disciplina: construção da disciplina consciente é interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. Disciplina e perturbações do caráter. IN: Psicologia e educação na infância. Lisboa: Estampa, 1975.

WALLON, H. Disciplina e perturbações do caráter. IN: Psicopedagogia e educação da criança. São Paulo: Nova Alexandria, 1995,pg. 367 / 369.

COOL, C. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. Porto Alegre – Cirtes médicas, 1994, pg. 103

ERIK, H. Erikson – Childhood and Society – Introdução, tradução (Margaret Mead, The American Scholar) 1992, pg. 143.

JEAN, Piaget – Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem – pg. 178 – ano 1964 São Paulo.

JEAN, Piaget – O juízo moral da criança São Paulo – Summus (org. 1932) mestre Jou.pg. 179.

MARTINS, Pura L. O. Relação professor – aluno, M Didática Teórica / Didática Prática. São Paulo Logolo, 1989, pg 45.

GIROUX, H e Simon – Cultura popular e pedagógica crítica: a vida cotidiano como base para o conhecimento curricular. M. Moreira, Antonio Floro e Silva. Tomaz T. da (ORG). Currículo, cultura e sociedade. 2ª Ed. São Paulo, Cortez. 1995 pg 93 / 124.

ANEXOS

ANEXO 1

Questionário aplicado para os professores da escola em estudo.

- 1- O que você considera como indisciplina em sala de aula?
- 2- Sua escola oferta condições ideais para o processo de ensino-aprendizagem?
- 3- Em sua opinião quais os fatores que ocasionam a indisciplina em sala de aula?
- 4- De que forma você trabalha com os alunos indisciplinados?
- 5- Você considera sua prática de ensino adequada para atender a diversidade cultural dos alunos?

Respostas:

Professora nº1

ANEXO 1

Questionário aplicado para os professores da escola em estudo.

- 1- O que você considera como indisciplina em sala de aula?

Qualquer ato ou resposta que contraria alguns princípios do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas entre professor e aluno

- 2- Sua escola oferta condições ideais para o processo de ensino-aprendizagem?

Sim. Não nos preocupamos somente em transmitir o conhecimento ao aluno, mas também formar um cidadão crítica e consciente de suas

responsabilidades. Para que isso aconteça de maneira correta, contamos com o apoio auxiliar em todo momento.

3- Em sua opinião quais os fatores que ocasionam a indisciplina em sala de aula?

São vários fatores que podem ocasionar a indisciplina: problemas familiares, excessiva proteção por parte dos pais, carências afetivas e sociais, má influência de alguns colegas; e as vezes a própria metodologia do professor ao ministrar a sala de aula .

4- De que forma você trabalha com os alunos indisciplinados?

Através de respeito, da educação e principalmente do dialogo. Os alunos tem que saber que eles tem direitos, mas também deveres. Devemos deixar claro para eles, o que esperamos que aconteça na vida deles como seres humanos e como alunos.

5- Você considera sua prática de ensino adequada para atender a diversidade cultural dos alunos?

Acredito que procuro fazer o melhor para meus alunos. Procuro deixar claro, que a vida nem sempre vai ser fácil e que eles precisam desenvolver conhecimento para sobreviver a todos os percalços que vão aparecer pelo caminho. Como todo ser humano, tenho defeitos e erros, mas a humildade não me falta para aprender e consertar estas dificuldades para melhorar a minha pratica.

ANEXO 1

Professor nº2

Questionário aplicado para os professores da escola em estudo.

1- O que você considera como indisciplina em sala de aula?

Agressão física ou verbal; baderna

2- Sua escola oferta condições ideais para o processo de ensino-aprendizagem?

Oferece condições, mas não as ideais.

3- Em sua opinião quais os fatores que ocasionam a indisciplina em sala de aula?

Ociosidade, distúrbios globais, problemas familiares (professor ou aluno).

4- De que forma você trabalha com os alunos indisciplinados?

O professor não trabalha muito com alunos indisciplinados. Ele manda para o pedagogo, ou ignora o aluno, ou ainda coloca para fora da sala de aula.

5- Você considera sua prática de ensino adequada para atender a diversidade cultural dos alunos?

Não.

ANEXO 2

Questionário aplicado para a Equipe Pedagógica da escola em estudo.

Na equipe Pedagógica ficou Diretora e pedagoga para responderem juntas.

- 1- Qual a percepção dos professores sobre a indisciplina na sua forma de atuação perante este fenômeno?
- 2- Os professores buscam a equipe pedagógica para discutir questões de indisciplina ou cada qual atua à sua maneira, baseando-se em parâmetros pessoais diante do fenômeno da indisciplina?
- 3- Os professores aceitam as sugestões da equipe pedagógica para solucionar o problema indisciplina?
- 4- Como vocês têm orientado os professores na questão da indisciplina e quais suas percepções diante deste problema?
- 5- Quais as ações desenvolvidas pela equipe em conjunto com os professores para mediar o fenômeno da indisciplina?

ANEXO 2

Respostas:

Questionário aplicado para a Equipe Pedagógica da escola em estudo.

- 1- Qual a percepção dos professores sobre a indisciplina na sua forma de atuação perante este fenômeno?

Atualmente os professores estão encontrando muitas dificuldades em trabalhar este tema em sala de aula devido a alteração de comportamento e hábitos dos alunos e familiares. As mudanças estão visíveis em todas as classes sociais, onde as famílias vivem. Momento de inversão dos valores que acabam refletindo na sala de aula.

- 2- Os professores buscam a equipe pedagógica para discutir questões de indisciplina ou cada qual atua à sua maneira, baseando-se em parâmetros pessoais diante do fenômeno da indisciplina?

Diante da situação muitos professores não procuram suporte para resolver os conflitos, ignorando os fatos causando transtornos na relação professor aluno.

- 3- Os professores aceitam as sugestões da equipe pedagógica para solucionar o problema indisciplina?

Depende do profissional, os que são interessados pela causa buscam ajuda e orientação em relação ao trabalho. Outros simplesmente deixam as coisas acontecerem livremente.

- 4- Como vocês têm orientado os professores na questão da indisciplina e quais suas perceptivas diante deste problema?

Procuro passar para os professores que é preciso compreender e conhecer o seu aluno para depois fazer as intervenções necessárias de ordem pedagógica ou comportamentais.

- 5- Quais as ações desenvolvidas pela equipe em conjunto com os professores para mediar o fenômeno da indisciplina?

Dialogo com os alunos e familiares. Orientação com psicólogo e apoio do Conselho Tutelar.

ANEXO 2

Respostas:

Questionário aplicado para a Equipe Pedagógica da escola em estudo.

- 1- Qual a percepção dos professores sobre a indisciplina na sua forma de atuação perante este fenômeno?

Atualmente os professores estão encontrando muitas dificuldades em trabalhar este tema em sala de aula devido a alteração de comportamento e hábitos dos alunos e familiares. As mudanças estão visíveis em todas as classes sociais, onde as famílias vivem. Momento de inversão dos valores que acabam refletindo na sala de aula.

- 2- Os professores buscam a equipe pedagógica para discutir questões de indisciplina ou cada qual atua à sua maneira, baseando-se em parâmetros pessoais diante do fenômeno da indisciplina?

Diante da situação muitos professores não procuram suporte para resolver os conflitos, ignorando os fatos causando transtornos na relação professor aluno.

- 3- Os professores aceitam as sugestões da equipe pedagógica para solucionar o problema indisciplina?

Depende do profissional, os que são interessados pela causa buscam ajuda e orientação em relação ao trabalho. Outros simplesmente deixam as coisas acontecerem livremente.

- 4- Como vocês têm orientado os professores na questão da indisciplina e quais suas perceptivas diante deste problema?

Procuro passar para os professores que é preciso compreender e conhecer o seu aluno para depois fazer as intervenções necessárias de ordem pedagógica ou comportamentais.

- 5- Quais as ações desenvolvidas pela equipe em conjunto com os professores para mediar o fenômeno da indisciplina?

Dialogo com os alunos e familiares. Orientação com psicólogo e apoio do Conselho Tutelar.

ANEXO 3

Perguntas

Questionário aplicado para alunos do 9º ano .

1- O que você acha sobre a indisciplina?

Respostas do aluno de 14 anos.

1- O que você acha sobre a indisciplina?

A indisciplina seria seguir as regras impostas dentro de determinada escola , mas alunos como eu somos taxados como alunos bagunceiros e desatentos , mas ninguém vê o lado de alunos como eu , no meu caso falta mais da capacidade da professora e da atenção que ela dá aos alunos , pois geralmente a professora tem seus “favoritos” dentro da sala de aula deixando os alunos que são “indisciplinados “ de lado .Sendo que esses determinados corram um intenso risco de reprovação .

Respostas do aluno de 16 anos.

1- O que você acha sobre a indisciplina?

Bom tanto eu como meus amigos , vamos para escola obrigados pelas mães ,pois se dependesse de nós ficaríamos no bar .Por causa da taxa de indisciplina na escola , não vemos motivos para estudar e prestar atenção na sala , afinal para o professor e para a sociedade somos adolescentes perdidos , mas nunca ninguém vê nosso lado , nosso ponto de vista , pois se bebemos , é porque ,quando tentamos arrumar um emprego as pessoas dizem que porque viemos de uma área rural não temos a capacidade para determinado emprego , e se não prestamos atenção na aula é porque o professor não gosta de dar atenção a alunos que já são considerados perdidos e realmente em uma cidade pequena geralmente as pessoas tomam

conclusões precipitadas e também o único modo de diversão é o bar ,já que o prefeito não pensa nos jovens do local como nos , mas na verdade o que eu realmente queria é ser alguém na vida , ate mesmo um professor para não deixar no futuro alunos serem tratados como eu e meus amigos somos tratados hoje em dia